

OS SETE ÓRGÃOS SUTIS DO HOMEM, SEGUNDO 'ALAODDAWLEB SEMNANI

1. O Comentário Corânico de Semnani

A doutrina que torna a estrutura dos sete sentidos esotéricos do Corão e a estrutura de uma antropologia mística articulada em sete órgãos ou centros sutis (latîfa) solidárias uma à outra e relaciona uma com a outra, parece ter sido concretizada, no início do século VIII?XIV, através da obra pessoal de um homem de importância inapreciável para a história do sufismo iraniano: 'Alaoddawlew Semnani (659-763H/1261-1336 AD). Ele formulou de maneira admirável, a diferença entre o tempo interior, o tempo existencial da alma (zamân anfosî) e o tempo das coisas, o tempo objetivo das cronologias (zamân âfâqî)

Quanto à sua biografia, ela apresenta igualmente um interesse excepcional dentre todas as outras personalidades marcantes e originais que ilustraram o sufismo. Pertencente à nobre família de Semnani (vila situada a duzentos quilômetros a leste da atual Teerã), na idade de quinze anos entrou ao serviço do Argun, soberano mongol do Irã, como pagem de sua corte.

Na idade de vinte e quatro anos, quando acampava juntamente com o exército do Argun frente à cidade de Qazwîn, passa por uma súbita crise espiritual decisiva que lhe retira todo o interesse pelo mundo e que lhe induz a ficar em isolamento.

Terminou por encontrar em Bagdá o seu guia e mestre espiritual que buscava. Depois, retornou a Semnân, onde funda uma importante khânqâh sufi, que perdura até os dias de hoje no Irã. Seu mausoléu (ârâmgâh), subsiste ainda hoje nas adjacências de Semnân, quando se procede de Teerã. Frágil como todos os monumentos da era mongol, desabou a cerca de quinze anos.

As obras de Semnani estão entremeadas de alusões pessoais tão numerosas que podem muito bem constituir um tipo de diário espiritual: descrições de suas experiências interiores, etapas de desenvolvimento, exercícios pessoais ou as de seus discípulos; muitos desses relatos podem ser classificados dentro da categoria que atualmente denominaríamos de 'percepções extrasensoriais' e são de grande interesse tanto psicológico quanto frente ao pleno desconhecimento que o mundo ocidental tem frente ao sufismo iraniano, que ainda hoje é muito pouco conhecido.

Semnani compôs uma série de obras em número considerável. Apenas um pequeno número destas nos está disponível através de alguns manuscritos extremamente raros (não se exclui aqui que um bom número destes manuscritos sobrevivem, ignorados, dentro de coleções privadas).

Para nossos propósitos, uma dessas obras apresenta um interesse incomparável. Trata-se de seu comentário corânico, escrito sob o nome de Tafsîr, embora o nome de Ta'wîl lhe fosse mais exato já que, de um lado para outro, o comentário se prende estritamente e exclusivamente aos sentidos interiores, esotéricos dos versículos corânicos. É um monumento exemplar de hermenêutica espiritual.

Infelizmente, depois de um prólogo que resume a doutrina do autor e um comentário da primeira surata do Corão (Al Fatíha), o comentário propriamente dito se inicia a partir da surata do Sinai (surata 52). A razão disto é que este tafsîr (ou melhor, este ta'wîl) propõe-se perseguir o comentário inacabado feito por um eminente predecessor do autor, que viveu dentro da mesma tarîqat, Najmoddîn Dâyeḥ Râzî (morto em 654/1256), Semnani se insere dentro da linha espiritual de Najmoddin Gobra (morto em 618/1221), o eminente xeique de Khwârezm, na Ásia Central, célebre por ter assumido a cabeça da resistência contra os Mongois e que imprimiu ao sufismo do século 12 uma orientação diversa daquela que era proposta pelos ascetas pios da Mesopotâmia, nos primeiros séculos do Islão.

Não seria de surpreender que na Ásia Central, outras influências religiosas, sobreviventes ou latentes, viessem a exercer influência sobre o sufismo. Será neste mesmo século 12, que Suhrawardî começa a empreender a restauração da sabedoria teosófica do antigo Irã e funda uma doutrina espiritual que exige de todo postulante, ao lado da vida mística, uma sólida formação filosófica prévia já que, se é verdade que a experiência filosófica poderá frutificar em uma experiência mística, de forma recíproca, uma experiência mística privada desta propedêutica, corre o risco de se enganar.

Debaixo de influências como as de Najm Kobra e de Suhrawardî, o sufismo se assemelha ao nível daquilo que se chama, no Ocidente, com a escola de Meister Eckart, de mística especulativa. O encontro entre a teosofia mística de Ibn 'Arabi (morto em 1240) se fará espontaneamente, uma vez que o seu ensinamento viajou, desde o Extremo Ocidente do Islão em direção ao Irã, um esoterismo que lhe havia sido enviado de seu próprio Oriente. De fato podemos discernir as grandes linhas e a estrutura do fenômeno de coalescência mas ainda estamos muito longe de penetrar em seus detalhes.

De qualquer modo, o Tafsir de Semnani testemunha como uma obra de importância excepcional dentro da literatura mística inspirada pela introspecção dos presentes corânicos; ela vai até o limite extremo concebível de interiorização. O autor, ele próprio, teve consciência das dimensões colossais que deveria assumir o seu comentário, caso lhe fosse possível tratar da mesma maneira a totalidade do Corão, ou seja, analisando passo a passo o seu sentido esotérico septuplo já não mais dentro de uma perspectiva teórica, mas referindo cada etapa ao tipo e grau de experiência espiritual, cuja profundidade de cada sentido esotérico representa o índice, e isto tudo ao órgão sutil que é o centro e o 'lugar' da experiência. Portanto isto representa um ensaio único, um testemunho da importância maior para as pesquisas futuras do ta'wîl comparado que nos propomos e que deverão levar em consideração todos os monumentos comparáveis no Islão, no cristianismo e dentro da mística judaica.

2. Os Sete Profetas de Nosso Ser

O prólogo colocado por Semnani à frente de seu comentário nos esclarece sobre a sua doutrina hermenêutica. Mas ele o faz de maneira tão concisa e tão alusiva, que as afirmações não podem ser aceitas a não ser na condição de nos enviar a algumas páginas de suas outras obras, mais explícitas sobre o assunto. Já nas primeiras linhas torna-se evidente a insistência do autor, na iminência de descortinar uma nova via espiritual, solicitar a seu leitor que este venha a penetrar em seu vocabulário técnico, sem o que ele rapidamente perderia o fio da meada. Ele próprio sente-se obrigado de se explicar, pelo menos de maneira breve, sabendo que se este faltasse, seu comentário

estaria ameaçado, quando ele não estivesse ali, tornando-se totalmente incompreensível. Ora, aquilo que determina aqui o vocabulário técnico, comanda também as perspectivas hermenêuticas: será em um tipo de mundo de sete dimensões, que a séptupla exegese esotérica do Corão irá se esforçar em nos guiar.

A lei a ser seguida não é nada menos que a lei das correspondências, o simbolismo dos mundos. Existe uma homologia entre os acontecimentos exterior e os eventos interiores da alma (este é o mesmo princípio que predomina dentro de toda a hermenêutica espiritual), e também existe uma homologia entre os acontecimentos aos quais se referem os ensinamentos divinos proferidos no Livro, e os sete órgãos, os sete centros ou regiões sutis da antropologia mística (latâ'if insânîya).

Estes órgãos sutis, em número de sete, mantêm cada um uma correspondência com um profeta, pode-se dizer que estes órgãos da fisiologia sutil são cada um, respectivamente dentro do microcosmo humano, a tipificação de um profeta; eles assumem a sua imagem e papel. Mais, cada um deles é sinalizado por uma luz colorida, que o místico em estado de contemplação pode visualizar e à qual ele deve ficar atento, na medida em que ela lhe informa de seu próprio estado espiritual.

O primeiro desses órgãos sutis é designado como órgão corporal sutil, região sutil do 'molde' corporal (latîfa qâlabîya; qâlab, que significa literalmente 'molde'). Embora o corpo humano físico já seja considerado como uma quintessência da Criação, resultado de uma alquimia cósmica, este continua a sua jornada de descida de um plano a outro dos universos e produz uma fermentação (takhmîr) que alcança o organismo, agora modelado como algo continente, harmonioso e 'bem temperado', de todos os influxos desses universos. Este organismo é o jîsm maj'ûl, um corpo 'constituído' com o nascimento no mundo terrestre, molde perecível que resulta dos influxos onde se misturam as influências das Esferas, a dos planetas e dos Elementos. O órgão sutil que é designado como latîfa qâlabîya nos é descrito como resultante do influxo que emana da Esfera das Esferas e da Alma do Mundo (ou seja, do Korsî e do Trono, 'Arsh), mas sem a intermediação das Esferas, nem dos Planetas e dos Elementos. Assim não se trata apenas do jîsm maj'ûl, mas sim de um órgão que apenas pode se formar depois que este último tenha sido completado. Este latîfa qâlabîya, órgão corporal sutil diz-se que, de certo modo, apresenta a forma do corpo em seu estado sutil, e representa de qualquer modo o embrião ou 'molde' do novo corpo, o corpo sutil 'adquirido' (moktasab). É devido a isto que a antropologia mística o designa simbolicamente como o 'Adão do Seu Ser'(Adam wojûdi-ka).

O segundo órgão ou centro sutil está relacionado à alma (latîfa nafsîya). Podemos pensar aqui na alma não tanto quanto esta é designada igualmente como Rûh (Espírito) e como assento das operações espirituais em geral, mas como desempenhando a função determinada de animar um corpo; é a alma sensitiva vitalis, a alma que tanto é o assento das operações vitais e orgânicas e que, por consequência também é para o homem o 'lugar' dos desejos desregrados e das más paixões. Ela é para o espiritual o próprio 'lugar' de testemunho (dâr al-ibtîlâ'), onde o homem, como Noé afrontando a sua gente, afronta as contradições do seu ser carnal. É porisso que o órgão sutil que tem ali o seu centro é o 'Noé do Seu Ser'(Nûh wojûdi-ka).

O terceiro órgão sutil é o do coração (latîfa qalbîya), dentro do qual se forma o embrião de uma posteridade mística que se encontra dentro deste latîfa, como uma pérola dentro

de sua concha. Esta pérola ou esta posteridade nada mais é do que o órgão sutil que será ao Verdadeiro Eu, a verdadeira personalidade (latífa anâ'îya), logo abaixo do 'Maomé do Seu Ser'. A alusão a esta posteridade espiritual, ao Eu Superior que será a criança concebida dentro do coração do místico nos faz compreender porque o centro sutil do coração que lhe dá nascimento é o 'Abraão do Seu Ser' (Ibrâhîm wojûdi-ka).

O quarto órgão sutil (latífa sîrrîya) está relacionado ao centro que é tecnicamente designado pelo termo sirr, o 'secreto', a profundidade ou a superconsciência, o assento da transconsciência. É o lugar e o órgão do colóquio íntimo, da conversa secreta, do 'salmo confidencial'(monâjât), é o 'Moisés do Seu Ser'(Mûsâ mojûdi-ka).

O quinto órgão sutil (latífa rûhîya) está relacionado ao espírito (Rûh, pneuma); pela nobreza de sua situação ele é investido da vice-regência divina (khâlîfa), da função de representar a divindade; é o 'Davi de Seu Ser'(Dâwûd wojûdi-ka).

O sexto órgão sutil (latífa khaffîya) está relacionado ao centro que é tecnicamente designado pelo termo de 'mistério', o arcano (al-khaffî). É através desse órgão que se recebe a assistência do Espírito Santo (Rûh al-Qods); na hierarquia dos estados espirituais, ele irá marcar o acesso ao estado de Nabî. É o 'Jesus de Seu Ser'(Isâ wojûdi-ka), é o Anunciador do Nome a todos os outros centros sutis e ao 'povo', de suas faculdades, uma vez que ele é o seu chefe. Este Nome que ele anuncia é a tipificação profética do sétimo órgão sutil, o selo de seu ser, de acordo com o verseto corânico (61:6). Jesus, como antepenúltimo profeta de nosso Ciclo foi o anunciador do último Profeta, ou seja, a vinda do Paracleto.

Finalmente, o sétimo órgão sutil (latífa haqqîya) está relacionado ao centro divino de nosso ser, ao selo eterno de nossa pessoa, é o 'Maomé do Seu Ser'(Mohammad wojûdi-ka). É este centro sutil divino que esconde a 'rara pérola mohamadiana' ou seja, o órgão sutil que é o Verdadeiro Ser (latifâ anâ'îya), cujo embrião começou a formar-se dentro do centro sutil do coração, o 'Abraão do Seu Ser'. Temos aqui um primeiro exemplo da admirável interiorização dos sentidos perseguida e realizada por Semnânî. O motivo indutor é fornecido pelos versículos corânicos que situam a relação do profeta Maomé com Abraão: 'Ele segue a religião de Abraão como um crente puro (hanîf - 4:124)'. 'Os homens mais próximos de Abraão são aqueles que seguem a sua fé; assim foi o profeta e aqueles que crêem, e Deus é o Amigo daqueles que crêem (3:61)'.

Podemos considerar estes versículos como se relacionando aos personagens manifestados 'nos horizontes' (fi'l âfâq), no tempo histórico do mundo. Mas meditá-los de tal modo que estes sejam os sinais (âyât) se concretizando 'dentro da alma', é testemunhar e verificar que o nosso verdadeiro Eu eclodido no centro divino do seu ser é a criança espiritual do seu 'coração', ou seja, o 'Maomé do Seu Ser.' É concretizar dentro da pessoa do microcosmo a verdade do senso segundo o qual a religião de Maomé se origine da de Abraão, embora 'Abraão não fosse nem Judeu nem Cristão, mas um crente puro (hânif - muslim - 3:60)', o que significa que o 'Abraão do Seu Ser' é conduzido através dos centros sutis da 'superconsciência' e do 'arcano'(O Moisés e o Jesus do Seu Ser), evitando os erros que ameaçam os seus seguidores, ou seja, as faculdades de cada um destes centros, até que venha a alcançar aquele que tipifica sua posteridade espiritual, o seu verdadeiro Eu.

Assim é colocada a maneira de meditar, de interiorizar todos os dons corânicos, de efetuar a ta'wîl, o 'retorno', a exegese, a retornar do 'mundo dos horizontes' para o 'mundo da alma'. Todas as palavras dirigidas a um dos sete profetas, ou as palavras por eles pronunciadas, ou os eventos por eles atuados, tudo isto deve ser entendido como se realizando dentro dos 'centros sutis', dos quais cada um é a tipificação respectiva.

Esta tipologia profética dos centros ou órgãos da fisiologia sutil conduz a realizações mentais extraordinárias. 'Cada vez que no Livro, você compreende as palavras dirigidas à Adão,' escreve Semnani, escute-as através do órgão correspondente do teu corpo sutil (latîfa qâlabîya)... Medite sobre a coisa que ele simboliza e fique certo que o esotérico do discurso se refere a você, como discurso que se refere ao mundo da alma, da mesma forma que seu exotérico se relaciona a Adão, naquilo que se refere aos horizontes... Somente então lhe será possível aplicar-se ao ensinamento do Verbo divino e de colhê-lo como um ramo ainda carregado de suas flores.'

'Cada vez que você entende ou meditas os versículos relativos a Noé, escute-os através do órgão sutil de sua alma vitale (latîfa nafsîya) afim de não mais sucumbir, não mais, à visão do cataclismo nem permanecer prisioneiro da dupla geena (inferno) da concupiscência e da violência, e para que os povos (suas experiências místicas, oriundas) de suas faculdades não sejam engolidos dentro dos abismos dos desejos ilusórios.

Cada vez que você escuta os versículos revelados referentes a Abraão, escute-os através do órgão sutil do teu coração (latîfa qalbîya); esteja atento ao discurso que lhe dirige o Amigo divino; toma o cuidado de evitar deixar-se absorver por qualquer outra coisa, para que de indicador sensível a indicar inteligível, este venha a tornar-se seu único Guia.

Cada vez que escutas as palavras dirigidas a Moisés ao longo de suas 'conversas secretas' (monâjât) e, em termos gerais, tudo que se refere aos estados espirituais de Moisés, perceba tudo isto através do órgão sutil de sua superconsciência (latîfa sirrîya) que é o Moisés do Seu Ser e tome o cuidado de satisfazer ao conteúdo implícito do discurso, de medo que o Samaritano venha a perverter o povo das suas faculdades com o bezerro de ouro das suas paixões desregradas.

E a cada vez que você medita nos versículos onde Davi é nomeado, as visitações divinas emanam do Atributo do amor, agora percebido como tal pelo órgão sutil do seu Espírito (latîfa rûhîya), o Davi do Seu Ser, aquele a quem foi ensinada a arte de fabricar as cotas de malhas que são as submissas inspirações do amor debaixo da aparência rígida da servidão. Agora o povo das suas faculdades, será preservado do sabre da falsidade, da flecha dos doutores e fará com que o seu corpo atue as ações do Espírito, que dele se serve.'

'Cada vez que você medita naquilo que se relaciona aos estados espirituais de Jesus, escuta isto através do órgão sutil do seu 'arcano'(latîfa khafîya), ou seja, com o Jesus do Seu Ser.' Aqui existe algo de extrema gravidade que deve ser entendido; numa interrogação corânica dirigida a Jesus, Semnani discerne ao nível do órgão sutil que tipifica Jesus, as razões que conduziram alguns místicos no Islão e aos Cristãos em geral, a uma ilusão cuja fonte lhes é comum. 'Foste tu, foi-lhe perguntado, que jamais disse aos homens: considerai a mim e à minha mãe, como dois deuses à exclusão de

Deus? - Pela sua glória, não! (Responde Jesus). Como poderia eu dizer aquilo que é indigno de mim? (5:116). 'Assim não é nem o Jesus, nem o 'Isa ibn Maryam, nem o 'Jesus do Seu Ser' que são os responsáveis pela falta de seu povo, uma falta de que Semnani apresenta uma percepção tão extraordinária enquanto esta também é uma terapêutica para esta, e a remedia.

Ele devia iniciar um estudo inédito centrado ao redor desta crítica do cristianismo de forma que pudesse se equiparar a um dos mestres mais profundos do sufismo. Entendamos, essa crítica difere de todas as outras polêmicas inspiradas aos doutores exotéricos e apólogos oficiais. O seu tom é patético e se adapta ao ganho espiritual que Semnani tinha em vista. Para compreendê-la, ainda deveremos nos voltar para o seu comentário da surata CXII, uma das suratas finais. Ali Semnani apresenta uma conexão impressionante entre a sedução pela qual o dogma cristão deixou-se seduzir ao proclamar que o Cristo filho de Maria é Deus e o êxtase místico dentro do qual um Hallâj exclama: 'Eu sou Deus', da mesma maneira que um Bastâmî proclama: 'Gloria a mim! Como é sublime a minha situação!' Depois que o místico sai desse êxtase, assombrado por uma audácia que para ele é a desculpa do estado teopático, ele se refugia dentro de um desejo de abolição de si próprio que irá reparar o blasfemo: 'Matem-me, companheiros! Pois que para mim morrer é viver e o viver é morrer.' Agora se produz para o místico uma situação extremamente perigosa; lhe faz falta a ajuda de um xeique dotado de grande experiência para lhe fazer sair do abismo de onde a sua consciência ameaça se desarvorar e para conduzi-lo ao grau superior, o grau que é autenticamente o centro divino do seu ser (latîfa haqqîya).

Isto representa um tipo de terapia espiritual da mesma ordem que requer um cristão. Mas aquilo que Semnani discerne sob um e outro aspecto da mesma hybris é a realização prematura da peregrinação de Abraão, a eclosão prematura, entenda-se, o abortamento, da posteridade espiritual, cujo germe está depositado no centro sutil do coração, o 'Abraão do Seu Ser'. De fato, o termo 'mistério do arcano'(ghayb al-khaffî - é freqüentemente utilizado por Semnani para designar os latifâ, os órgãos sutis, sendo que ghayb significa mistério), embora este encerre e envolva os cinco outros mistérios que o precedem (o do espírito, da superconsciência, do coração, da alma vitale e do corpo). Este por sua vez é encerrado e envolto pelo Mistério dos Mistérios (ghayb al-ghoyûb), o mistério do verdadeiro centro divino dentro de você mesmo (ghayb al-latifâh al-haqqîya).

O que ocorre dentro do caso do dogma cristão, como também no caso da afirmação 'Eu sou Deus' (Anâ'l-Haqq) de Hallâj é entendido como uma ruptura prematura do processo de crescimento e maturação, uma iniciação falha.

Esta iniciação faltosa é aquela de deverá conduzir ao nascimento e ao conhecimento do Eu verdadeiro, a pessoa do seu Verdadeiro Eu, como órgão divino situado dentro de você (anâ'iyat haqqi-ka). Não é mais o 'Jesus do Seu Ser' que é responsável pelo evento, da mesma forma que 'Isa ibn Maryam não é o responsável pela cristologia oficial, mas a região do seu ser que é tipificada pelo órgão sutil é aquela onde se produz a ameaça deste perigo, o mesmo perigo que pesa tanto sobre o cristão quanto sobre o sufi.

Aqui Semnani se estende longamente. Existe uma revelação e um descobrimento do Eu, que corresponde a alguns dos latîfa, depois a este Eu ainda carnal são relacionadas os dois primeiros órgãos sutis, indo numa trajetória até o Eu divino, o 'Glorificado', o

'Maomé do Seu Ser'. O perigo em questão, corresponde ao momento onde o Eu faz a sua 'aparição' (tajallî) a nível do arcano ou o grau do latîfa al-khafîya e reciprocamente, corresponde ao momento onde o segredo deste latîfa se desvenda a um Eu que ainda não está totalmente purificado da ilusão, ou seja, daquela consciência que obscurece e falsifica as percepções a nível dos dois primeiros latîfa , o órgão sutil do corpo e da alma vitale. Um modo de percepção inferior continua a atuar e é porisso que se pode falar de uma iniciação falha.

O mistério da teofania, a manifestação do Espírito Santo sob a forma visível de Gabriel aparecendo sob forma visível a Maryam, sua 'insuflação' em Maryam que faz de Jesus o Rûh Allah, o Espírito de Deus, não foi percebido pelos cristãos ao nível do arcano, o latîfa al-khafîya; eles o perceberam no plano das evidências que são próprias aos dois primeiros latîfa (ou ainda: seu dogma fez nascer materialmente o Deus único 'sobre a terra', enquanto que o ' Jesus do Seu Ser' é o mistério do seu nascimento espiritual, a sua assunção celeste).

Eles falaram de paternidade, de maternidade de filiação; e eles afirmaram um 'terceiro de três'(5:77), introduziram as relações de três pessoas dentro de um mistério essencialmente Único. Eles se fixaram nos tipos de relações acessíveis à consciência comum do mundo exterior. Eles não penetraram até o mar de Jabarût, onde emergem as pontas ou os centros do Conhecimento, da Vontade e do Poder (estes três termos designam, para Semnani, os aspectos de uma cosmogonia sobre a qual retornaremos mais tarde).

Os cristão fizeram da primeira pessoa a essência do Criador, da segunda o Seu Filho e da terceira, o Espírito Santo. Com certeza existem intermediários (wasâ'il) dentro do mundo do Mistério, uma vez que a operação divina procede através de mediações. Mas conceber estes intermediários em função dos seus modos de relacionarem sua geração dentro do mundo sensível, é não ver além do próprio fenômeno, como no velho provérbio, 'crer que depois de Abbadân não existe mais nenhuma outra cidade'.

Agora se afirma que Jesus é filho de Deus, assim como os Judeus chegaram a afirmar que 'Ozair (Esdras) era filho de Deus (9:30). Esta é a ilusão comum a todo aquele que cede, ainda em estado de imperfeição espiritual, aos graus que correspondem ao centro sutil do mistério (o quarto latîfa , o 'Moisés de Seu Ser') e àquele do arcano (o quinto latîfa , o 'Jesus do Seu ser').

Para salvar do abismo ao místico que, ao proclamar 'Eu Sou Deus', abaixa a divindade ao nível de um homem terrestre, Semnani estima que se deve 'elevá-lo' até a uma estação mística superior, onde lhe é revelada a natureza de seu verdadeiro Eu, este que cuja divindade não é predicado, mas que é o órgão de teofania, devido à sua aptidão de ser o espelho onde ocorre esta teofania, num ser totalmente investido. Este é o segredo da condição de 'Amado de Deus' (aquela em que Deus declara a seu amado: 'Eu sou o olho para aquele que vê, as mãos para aquele que apalpa, etc.), e é o sentido verdadeiro da perspectiva, a perspectiva que reverte a ilusão do 'Anâ'l-Haqq', a ilusão de uma Lua conduzida à incandescência pela Luz do sol e que grita: 'Eu Sou o Sol'.

Aqui encontramos o contraste entre o pensamento teofânico e o pensamento incarnacionista, entre o evento-visão e o evento que ingressa e ocorre dentro da história material. Este contraste inspira Semnani a uma valorização extraordinária do versículo

corânico (4:145) que contém, sabe-se, a afirmação mais explicitamente 'docetista' da cristologia corânica: 'Eles não o mataram, eles não o crucificaram... Deus o elevou até ele.' Esta 'elevação até Deus' opõe o mesmo contraste que a ascensão de Enoc (investido aqui como um Antropos celeste dentro do Pleroma) contra o fato da realidade material da história terrestre.

A questão colocada é clara: seria sobre a terra e não mais 'dentro do céu' que se realizaria a humanidade divina? Isto representaria de qualquer modo uma espécie de cura do 'docetismo' radical que Semnani impõe aos cristãos, assim como também para o sufi desvairado, já que ambos estão enganados dentro da perspectiva das teofanias: um proclama que Jesus é Deus, o outro grita 'Eu Sou Deus'.

Ora, mesmo que a cristologia gnóstica, à qual faz eco este versículo corânico, reduz antecipadamente a um não-senso inofensivo toda a afirmação de que 'Deus está morto', da mesma maneira a elevação do 'Jesus do Seu Ser' ao grau de latîfat al-haqqîya é necessária para aperfeiçoar a sua iniciação e de lhe prevenir de cair no desvario.

Assim como se falou que Jesus 'foi elevado até Deus' (elevado como Enoc, da história do mundo exterior e visível, privando assim de fundamento toda a vontade de um poder temporal que possa reclamá-lo) e que daquele lugar celeste para onde foi elevado ele deverá retornar em companhia do Mahdi, o Imâm que é a flor da posteridade profética, para conduzir os povos em direção da religião pura hanîffî; da mesma maneira deve ocorrer que o 'Jesus do Seu Ser' deva ser elevado 'por atração do êxtase divino até ao seu latîfat al-haqqîya, e que o Amigo no seu senso absoluto lhe faça o confidente dos mistérios de Sua essência. 'Até então, não ceda à ilusão de crer que você reuniu-se e que foi tornado perfeito pela Manifestação (tajallî) da realidade sutil do seu arcano.'

Falta ainda completar a marcha de Abraão, é para isto que indicam os versículos corânicos referentes ao 'Jesus do Seu Ser', para lhe situar na sua exata medida, com toda a vaidade e glória vã banidas do teu pensamento quando a Luz sacrossanta se epifanisa, ao responde-lhe através das próprias palavras que Jesus pronuncia no Corão: 'Tu conheces aquilo que está no fundo do seu ser, mas eu não sei o que existe em Ti. Portanto Tu és aquele que conhece os mistérios'. (5:116).

Assim, quando ouves qualquer proposta daquilo que foi dirigido por Deus a seu amigo, o Profeta, ou a qualquer alusão que lhe concerne, escute isto, perceba-as, através do órgão sutil do divino dentro de você (latîfah al-haqqîya) o que quer dizer, o 'Maomé do Seu Ser'. Para poder compreender esta quantificação, devemos rememorar de que forma representa a constituição psico-cósmica dos latîfa, de que fontes e que influxos resultam àquele que realiza na pessoa do espiritual a humanidade perfeita do Nabî. É ali, dentro deste centro sutil que se concretiza a formação do homem celeste. Ali mesmo alcança sua plena estatura o corpo sutil 'adquirido' pela prática espiritual do místico.

Este 'corpo adquirido' (jism mktasab) é uma noção essencial da antropologia de Semnani, como iremos ver mais tarde. Ela se desenvolve na maneira de um embrião dentro do corpo físico destinado a perecer e que lhe é como a membrana envolvente. Por sua vez, este corpo sutil é como a matriz que contém o 'coração essencial' (qalb haqqî, o Abraão do Seu Ser), que é a concha projetada nas ondas do mar humano, mas

que esconde a realidade sutil da sua verdadeira persona, aquela que é capaz de assumir a função teofânica do espelho (al-mira'îya).

Tadução: Instituto Nokhooja - Publicado no Tentáculo